

ARTES DO MARAJÓ DOS FUROS: SABERES, IDENTIDADE E DIÁLOGOS POR UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Jeová de Jesus COUTO¹

Recebido: 27/04/2025

Aprovado: 15/06/2025

Resumo

Este trabalho discute a importância da obra artística no Marajó dos Furos de Breves como evidenciadora de modos de vida dos sujeitos do lugar, indicando narrativas estéticas e linguísticas que ilustram saberes, identidades, diálogos, diferenças e resistências destes povos. Busca demonstrar por meio de análises bibliográficas as contribuições para a produção de conhecimentos e reconhecimento de uma cosmovisão distinta. As obras artísticas dos sujeitos suscitam criticidade através de leitura de mundo e promovem comunicação. Os trabalhos dos artistas, nesta perspectiva, tornam-se importantes instrumentos para uma educação intercultural.

Palavras-chave: arte, saberes, identidade e educação intercultural.

ARTS OF MARAJÓ DOS FUROS: KNOWLEDGE, IDENTITY AND DIALOGUES FOR AN INTERCULTURAL EDUCATION

Abstract

This paper discusses the importance of artistic work in Marajó dos Furos de Breves as a means of highlighting the ways of life of the local subjects, indicating aesthetic and linguistic narratives that illustrate knowledge, identities, dialogues, differences, and resistances of these peoples. It seeks to demonstrate through bibliographic analyses the contributions to the production of knowledge and the recognition of a distinct worldview. The artistic works of the subjects provoke critical thought through a reading of the world and promote communication. The works of artists, from this perspective, become important instruments for intercultural education.

Keywords: art, knowledge, identity, and intercultural education.

1. INTRODUÇÃO

A Mesorregião do Marajó dos Furos está localizada no extremo norte do Brasil, no estado do Pará. Situa-se na porção sudoeste do arquipélago marajoara, conhecida também como microrregião dos Furos de Breves ou Estreito de Breves, composta pelos municípios de Afuá, Anajás, Breves, Curalinho e São Sebastião da Boa Vista (RODRIGUES, 2012; CRISTO, 2007). Sua paisagem é

¹ Mestre em Artes/UFGA; Especialista em Educação na DRE/Breves; Diretor Escolar na SEMED/Breves.

COUTO, Jeová de Jesus. Artes do Marajó dos furos: saberes, identidade e diálogos por uma educação intercultural. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

predominantemente de matas alagadas, rios e igarapés. Por este Marajó das Florestas², “abastecidos de água e talhados a rios” (DANIEL, 2004, *apud* PACHECO, 2010, p. 09), terra natural de “homens anfíbios” (PACHECO, 2010, p. 09) vivem comunidades atreladas pela cultura do lugar, conectadas pela linguagem, pelo trabalho, pelo hábito alimentar, pelo relacionamento com o ecossistema da região, pelas suas expressões religiosas e artísticas, dentre outros elementos que os nutrem, diferenciam, identificam e sustentam sua cosmovisão.

Muitos autores que discutem sobre as vivências dos povos do Marajó das Florestas, dentre eles ICMBIO (2008), PACHECO (2010; 2015; 2017), SCHAAN (2010), SILVA e NEVES (2011), COUTO (2015), COSTA (2018) e AMARAL (2018) trazem ocorrências arqueológicas, levantamentos bibliográficos, narrativas, memórias e ainda diagnósticos socioeconômicos e ambientais das condições desta parte ocidental do Marajó. Estes trabalhos são de reconhecida importância para a região, nos estimulando a mergulhar nas efervescentes discussões sobre identidade, diálogo e educação intercultural com foco no Marajó das Florestas, buscando, através das produções artísticas do lugar, análises para o debate sobre a validade dos saberes e das vivências desta parte da amazônica brasileira.

Neste breve estudo vislumbra-se caminhos possíveis para uma trilha de saberes identitários, dialógicos e críticos, inspirados numa educação intercultural crítica, entendendo que todo o objeto de conhecimento que evidencie a cosmovisão de um lugar, trazendo informações sobre as formas de relacionamento entre as pessoas com seu ecossistema podem ser eficazes como promotoras de valorização de saberes, abertura para diálogos entre diferentes e produção de conhecimentos.

2. METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e interpretativo, com o objetivo de analisar como as produções artísticas do Marajó dos Furos de Breves contribuem para a construção de saberes locais e para uma educação intercultural crítica. A metodologia estruturou-se em três eixos principais: análise teórica, seleção de fontes e interpretação crítica dos dados.

Partindo de um diálogo com obras teóricas de autores como Paulo Freire, Edgar Morin e Boaventura de Sousa Santos, além de estudos regionais (e.g., Pacheco, Schaan), o trabalho

² Segundo PACHECO (2010) o Marajó das Florestas está localizado na parte ocidental da Ilha de Marajó, enquanto o Marajó dos Campos ocupa a parte oriental.
COUTO, Jeová de Jesus. Artes do Marajó dos furos: saberes, identidade e diálogos por uma educação intercultural. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

concentrou-se em temas como interculturalidade, decolonialidade e pedagogia crítica. As **fontes primárias** abrangeram obras artísticas locais produzidas entre as décadas de 1970 e 2023, incluindo pinturas, literatura e música, selecionadas por sua relevância cultural e capacidade de representar aspectos identitários e históricos da região. Complementarmente, as **fontes secundárias** integraram diagnósticos socioeconômicos, como o relatório do ICMBIO (2008), além de dissertações, teses e artigos que contextualizam a realidade marajoara.

A seleção das obras artísticas seguiu critérios específicos: priorizaram-se aquelas que retratam mitos, cotidianos, relações socioambientais e resistências históricas, como a pintura de Edson Cardoso sobre a cobra encantada de Breves. Além disso, valorizou-se o reconhecimento público dos artistas na região, como Jetro Fagundes na poesia e Bruno Diego na música, e a diversidade de linguagens artísticas — desde a literatura oral até a pintura — para captar a pluralidade de expressões culturais.

A análise crítica concentrou-se em dois métodos principais: a interpretação hermenêutica de textos literários e letras musicais, identificando símbolos e narrativas de resistência (e.g., a crítica à exploração no poema *A Farsa do Boto*), e a análise iconográfica de obras visuais, como as telas de Tadeu Ferreira e Maria Nedy Balieiro, para desvendar elementos simbólicos e contextos sociohistóricos.

Por fim, a triangulação entre a análise artística, as teorias críticas e os contextos locais buscou estabelecer um modelo metodológico que integre a arte como fonte legítima de conhecimento e instrumento pedagógico, contribuindo para estudos interculturais na Amazônia. Essa abordagem não apenas valoriza as expressões culturais locais, mas também reforça seu papel na construção de uma educação emancipatória e crítica.

3. ARTE, DIÁLOGOS E INTERCULTURALIDADE

Interação e interdependência entre os saberes são pressupostos da interculturalidade. Para Edgar Morin (2001) a religação entre os saberes se sustenta na razão da alteridade. Logo, há razão nos costumes, nas diferentes formas de vida e arte dos diferentes existentes no Marajó dos Furos de Breves, porque estas formas de vivência se explicam em seus próprios contextos. Daí que a interculturalidade pressupõe projeto político de transformação social, com vista a processos de humanização e libertação do outro.

COUTO, Jeová de Jesus. Artes do Marajó dos furos: saberes, identidade e diálogos por uma educação intercultural. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

A cultura do Marajó dos Furos tem sido fonte de inspiração para os artistas locais que, conhecedores da região, respirando e se nutrindo da fonte, reverberam em suas obras as crenças, vestuários, hábitos, posturas, e ainda, por vezes, criam espaço para o posicionamento crítico. Na produção de um livro didático recente para a rede municipal de ensino de Breves, intitulado *Conhecendo Breves, nossa história, nossa identidade*, a professora Dione Leão, fez uso de algumas imagens que ilustram a cultura deste pedaço do Marajó dos furos, as quais, apresentamos abaixo:



1 – Artista: Edson Cardoso



2 – Artista: Tadeu Ferreira

As obras acima pertencem a artistas brevesenses, que vivem no município ou nas intermediações e retratam o cotidiano do lugar. Nas obras podemos perceber a força do imaginário local e vivências de décadas passadas que ainda são comuns. A pintura em tela de Edson Cardoso retrata as narrativas popularizadas acerca da cobra encantada que vive debaixo da Igreja Matriz de Breves. A crença diz que se a imagem de Nossa Senhora Santana for retirada do local a cobra se moverá e a cidade irá para um abismo. A obra de Tadeu Ferreira retrata a realidade vivida na década de 70, onde era comum o pai de família sair para caçar enquanto esposa e filhos esperavam ansiosamente seu retorno e o alimento que os supriria por alguns dias (LEÃO, 2022).

Estas obras e muitas outras de artistas locais que atuam em diferentes linguagens e contextos explicam através da arte o Marajó dos furos, oferecendo diferentes olhares a partir do ponto de vista dos artistas que vivem na região.

Quando Pacheco (2017) procurou analisar o contato histórico entre povos nativos do Marajó e povos de origem negra bem como suas trocas culturais, o autor buscou na produção artística local uma forma de ler os intercâmbios sociais entre índios e negros, suas condições de trabalho, crença, celebrações e tradições orais diversas. Para isto, fez leituras de trabalhos do poeta Dalcídio Jurandir (1909-1979) e de Maria Neco Balieiro (1957-), trilhando os caminhos da narrativa literária e poética

do romancista e poeta e da estética e narrativa visual da pintora. Em um dos trechos, sobre a narrativa de Dalcídio Jurandir, o autor descreve que

Para que as diferenças dos marajoaras não sejam harmonizadas ou romantizadas numa visão horizontal e linear da sociedade de seu tempo (BHABHA, 2023), Jurandir fez ver por meio do discurso literário imagens da vida na Amazônia Marajoara num emaranhado de relações sociais. [...], ao compor quadros da saga de mulheres e homens, entre eles idoso, adultos, jovens e crianças, o romancista valorizou as formas como lutam pela preservação de valores, tradições, mesmo sendo forçados a conviver com práticas de violência, opressão, injustiça e, ainda, com uma natureza singular que reconstrói temporalidade e dita as regras dos plantios e das colheitas, do trabalho e do descanso, das saídas e chegadas, da vida e da morte. (PACHECO, 2017, p. 22)

Sobre a leitura de um dos trabalhos de Nancy Balieiro, *Coletor de Castanhas* o autor analisa descrevendo que



Coletor de Castanhas (Material: Acrílico sobre tela; Dim. 01X70). Maria Nely Pereira Balieiro, 2010. Fonte: Google imagens.

A tela ambienta o espaço rural brevese em tempos de coleta de castanha, procurando retratar o empenho de castanheiros afroindígenas na luta pela sobrevivência. Por trás da caminhada na mata estão as relações de trabalho, suas desigualdades e formas de exploração dos regatões e patrões. Igualmente um saber local de tradição indígena e africana que resguarda o conhecimento da mata, a temporalidade da colheita, as artes para confeccionar paneiros, as técnicas para carregar a pesada carga usando recursos das florestas como o cipó, o manuseio de instrumentos industriais tradicionais como o teçado e as afetividades que trabalhadores pobres estabelecem com os ecossistemas do Marajó das Florestas, recompõe o visível e o invisível da tela. [...]. (PACHECO, 2017, p. 32)

Observamos nas análises interpretativas de Pacheco (2017), que os trabalhos artísticos foram importantes fontes de leitura para ampliar a visão do pesquisador tanto como fonte histórica

COUTO, Jeová de Jesus. Artes do Marajó dos furos: saberes, identidade e diálogos por uma educação intercultural. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

quanto como análise crítica da realidade do Marajó das Florestas. Percebe-se na descrição que o autor capitou a preservação dos valores, as relações de trabalho, a tradição, a injustiça e a natureza que mesmo em parte devastada ainda reconstrói a memória do apreciador e o lança para tempos impossíveis de se alcançar na realidade palpável.

Questões de injustiça e opressão encontrados por Pacheco (2017) nas poesias de Dalcídio Jurndir e nas telas de Nancy Balieiro remontam séculos de história no Marajó e retratam o domínio, a imposição cultural e econômica, e a “invenção do outro” pelas vias da “governmentabilidade” (CASTRO-GOMEZ, 2005), pois o colonialismo europeu, forjado num projeto de poder civilizatório e de expansão do sistema capitalista tem buscado impor seu projeto de dominação imprimindo sua cosmovisão em detrimento a dos povos colonizados. Ao adentrar as terras marajoaras, um projeto de poder passou a vigorar e uma sujeição ao diferente se estabeleceu. O conquistador buscou ditar as regras de comportamento, de língua, de costumes e tradições, e os indivíduos que não seguiram os manuais e pré-requisitos ficaram de fora do perfil de cidadão letrado arquitetado pelo projeto de modernidade. Castro-Gomez, 2005, constata ainda que

[...] O “processo de civilização” arrasta consigo um crescimento dos espaços da vergonha, porque era necessário distinguir-se claramente de todos aqueles estamentos sociais que não pertenciam ao âmbito da *civitas* que intelectuais latino-americanos como Sarmiento vinham identificando como paradigma da modernidade. A “urbanidade” e a educação cívica desempenharam o papel, assim, de taxonomia pedagógica que separava o fraque da ralé, a limpeza da sujeira, a capital das províncias, a república da colônia, a civilização da barbárie. (CASTRO-GOMES, p. 89).

No livro *Importância do ato de ler*, o célebre educador brasileiro Paulo Freire faz importante reflexão sobre o paralelo cultura e processo de colonização, afirmando que

Os colonialistas diziam que somente eles tinham cultura. Diziam que antes de sua chegada à África nós não tínhamos história. Que nossa história começou com a sua vinda. Essas afirmações são falsas e mentirosas. Eram afirmações necessárias à prática espoliadora que exerciam sobre nós. Para prolongar ao máximo a nossa exploração econômica, eles precisavam tentar a destruição de nossa identidade cultural, negando a nossa cultura, a nossa história. Todos os povos tem cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo, se transformam. A dança do povo é cultura. A música do povo é cultura, como cultura é também a forma como o povo cultiva a terra. Cultura também é a maneira que o povo tem de andar, de sorrir de falar, de cantar enquanto trabalha. O calulu é cultura como a maneira de fazer o calulu é cultura, como cultura é o gosto das comidas. Cultura são os instrumentos que o povo usa para produzir. Cultura é a forma como

o povo entende e expressa o seu mundo e como o povo se compreende nas suas relações com o mundo. Cultura é o tambor que soa pela noite adentro. Cultura é o ritmo do tambor. Cultura é o gingar dos corpos do povo ao ritmo dos tambores (FREIRE, 1989, p. 24).

No exposto, Paulo Freire apresenta seu pensamento sobre a dicotomia colonizador/colonizado, civitas/bárbaros ou, mais de acordo com sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1968), opressor/oprimido. De forma direta desnuda o plano do opressor que consiste em desmontar a identidade cultural local em prol de sua ação exploratória. Mas, é a forma rica como descreve a cultura dos povos colonizados que nos mostra o quanto é necessário um processo educativo que perceba a diferença e procure estudá-la como um conjunto de saberes próprios, com identidade genuína, possuidora de inúmeras formas de representação em diversos campos, seja na linguagem, na culinária, nas atividades laborais, na agricultura ou nas artes. Um conjunto de saberes cuja riqueza está no povo e pode ser compartilhado como fonte de conhecimento de uma comunidade para a humanidade.

Este olhar crítico não passa despercebido pelos artistas locais. E o posicionamento crítico social sobressai em alguns trabalhos, como o do cantor e compositor brevese Bruno Diego, que, ao lado de Nilson Chaves, lançou a música “Pele Marajoara”, expondo o isolamento social dos marajoaras.

BRUNO DIEGO
Pele Marajoara

Quero te falar sobre o que sinto
Quero te contar sobre o que vivo
E não é brincadeira de menino
É rio, é correnteza de mistério
E mesmo calejado ainda sinto
No tom da pele a história de onde venho
E não é brincadeira do destino
É tronco, é galho, é fruto do silêncio
Tanta necessidade ante tudo
Tanta incredulidade ante o mundo
Tanta ingenuidade ante o riso
Tanta felicidade ante o sonho
Pele marajoara
Pele marajoara
De porto em porto eu sigo meu caminho
Num rumo incerto, entrando pelo rio
E nem de voadeira é possível
Acelerar o tempo até o destino
Sem conectividade com o passado
Sem possibilidade de um futuro

COUTO, Jeová de Jesus. Artes do Marajó dos furos: saberes, identidade e diálogos por uma educação intercultural. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

(Será?) Será que serei outro esquecido?
 (Será?) Será vou finalmente ser ouvido?
 Pele marajoara
 Pele marajoara
 (Pele marajoara)

Outros reconhecidos poetas da região, como Jetro Fagundes e Vanderlei Castro, demonstram em versos a realidade local, fruto de uma história de esquecimento, e também explicações populares acerca de ocorrências de exploração, motivados pela ausência de políticas públicas para o lugar.

JETRO FAGUNDES
Breves, a Capital das Ilhas
 (...)

Após o ciclo palmeiteiro-madeireiro
 a cidade busca a sua reordenação
 em dificuldade vive um verdadeiro
 tempo consciente de transformação

(...)

E me vindo aquele aperto no peito
 batendo que nem batidas de violão
 lembro de Breves e seu Canal Estreito
 Tajapuruzando a vida, a navegação

Estreito do Tajapuru e rio Ituquara
 apesar do maldito truk-system, vil
 os exploradores ribeirinhos Marajoaras
 são verdadeiros anjos a beira do rio
 (FAGUNDES, 2014, p.22)

VANDERLEI CASTRO
A farsa do Boto

(...)
 O dono do regatão
 Ganha logo a família
 Pouco importando pra ele
 O mal da pedofilia
 Namora com a menina
 Sem se importar com a idade
 Pratica toda a maldade
 Com a garota inocente
 Sendo ela bem carente
 Gosta só de vaidade!

(...)
 O BOTO serve só de escudo
 Pro povo marajoara
 Que acredita em mandinga

Em flechada Caruara
Por ser ele o mais formoso
“Homem encantado”, charmoso
Que gosta de namorar
Deixa a sua namorada
E vai profundo do mar!

Agora você sabe
Quem é o famoso BOTO?
Verdadeiro capiroto,
Dessa nossa região?
Marajó o meu torrão
De cultura e tradição
Como é o carimbó?
O boto do Marajó
Que engravida a menina
É o dono do regatão!,
(CASTRO, 2023, p. 84).

Discutir sobre a história de vida destes homens e mulheres neste pedaço da Amazônia Marajoara é mais do que valorização de saberes levantados e registrados por intermédio da arte. Necessita-se ainda refletir sobre a incompletude do ser no que tange a cultura, pois como nos ensina Boaventura, há a necessidade de interação entre as culturas que deve ser movida pela sensibilidade consciente do ser humano se perceber incompleto, e assim ser conduzido a um nível mais alto do exercício da humanidade. Logo, “[...] aumentar a consciência de incompletude cultural é uma das tarefas prévias à construção de uma concepção emancipadora e multicultural dos direitos humanos” (CANDAU, 2016, *apud* SANTOS, 2006, p. 446).

Portanto, uma educação intercultural se apresenta como um processo democrático, crítico, dialógico, pautado em aprendizagens significativas que contextualize o local onde o processo educativo se desenvolve. Respeitar e integrar as diferenças de modo a não anulá-las, mas, ao contrário, procurar ativar o potencial criativo de cada uma torna-se um procedimento necessário para a consolidação dos objetivos educativos na educação intercultural. Uma educação preocupada em romper com práticas pedagógicas homogeneizadoras e padronizadas.

Paulo Freire evidencia um dos elementos mais importantes no processo educativo intercultural: a valorização do diálogo, apresentado em sua obra como teoria da dialogicidade.

O diálogo, em Freire, é uma ação de comunicação e de humanização, que apresenta dimensões existenciais e ético-políticas. Nesta perspectiva o diálogo se constitui no encontro em que homens e mulheres encontram-se para refletir sobre sua realidade e transformá-la, como sujeitos inconclusos e comunicativos que são. E ao

transformar a realidade a humanizam e se humanizam também (OLIVEIRA, 2015, p. 77).

Para Freire, diálogo é canal para a humanização. Possibilita a expressão de ideias e de modos de ser, desenvolvendo a capacidade de reconhecimento das diferenças e da condição humana enquanto sujeito incompleto, que, no encontro m o outro é capaz de construir e reconstruir conhecimentos.

4. CONCLUSÃO

A busca por evidências expostas no trabalho dos artistas do Marajó dos Furos de Breves que remonte e reafirme a riqueza cultural e identitária desta região, abre possibilidades para contribuições educativas para o Marajó em nosso tempo, tornando-se imprescindível que os processos educativos postos em prática, sejam na educação escolar ou não escolar, estejam conscientes de que não basta reconhecer e valorizar costumes, crenças, tradições e hábitos de uma cultura com fortes traços presentes até nossos dias. Não se faz suficiente revisitar memórias, achados materiais, recontar histórias e mitos do povo marajoara. Torna-se crucial, à luz do entendimento da incompletude do ser, entender que outros saberes existem e precisam ser estudados como oportunidade para o desenvolvimento de diálogos que demonstrem aos educandos a existência e resistências destes povos e sua cultura, sobretudo pela sua maneira particular de ver e viver o mundo que é diferente de outras. Uma educação intercultural crítica é capaz de expor em paralelo diferentes formas de ler o mundo, não para explicá-lo de modo unilateral, mas para expor as diferenças e discuti-las como processo educativo para a emancipação dos indivíduos.

5. REFERÊNCIAS

I ANTOLOGIA da Academia Brevense de Letras: Breves histórias. 1ª edição. Gurupi (TO): Veloso: 2023.

AMARAL, Sônia. **Narrativas interculturais na sala de aula: antropologia e educação no Marajó (Breves-PA).** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPA. 2018.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências Sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In. LANDER, Edgardo (Org.). **A Colonialidade do Saber, Eurocentrismo e Ciências Sociais Perspectivas Latino-Americanas.** Buenos Aire: CLACSO, 2005, p. 169-186.

COUTO, Jeová de Jesus. Artes do Marajó dos furos: saberes, identidade e diálogos por uma educação intercultural. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

COSTA, E. M. **Memórias em escavações: narrativas de moradores do rio Mapuá sobre os modos de vida, cultura material e preservação do patrimônio arqueológico**, Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 334 fls, 2018.

COUTO, J.J. **Entre as águas**. Alternância pedagógica na Reserva Extrativista do Mapuá. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares, Instituto Federal de Castanhal, 2015.

CRISTO, Ana Cláudia Peixoto de. **Cartografias da educação na Amazônia rural ribeirinha: estudo do currículo, imagens, saberes e identidade em uma escola do Município de Breves/PA. 2007**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Belém, 2007.

FAGUNDES, Jetro. **Marajoando em versos: poesia**. Belém: SANTmel editora, 2014. 1ª edição.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. São Paulo. Autores associados. Cortez, 19989.

INSTITUTO CHICO MENDES (ICMBIO). **Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental: Implementação do Conselho Deliberativo (CD) da Reserva Extrativista do Mapuá**: Abril: 2008.

LEÃO, Dione. **Nossa história, nossa identidade. Conhecendo Breves**. Marajó. Pará. Ensino Fundamental. Anos Finais. Estudos Regionais. Palmas, TO, 2022.

MORIN, Edgar. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

PACHECO, Agenor Sarraf. **A Conquista do Ocidente Marajoara: índios, portugueses, religiosos em reinvenções históricas**. In. SHAAN, D. P; MARTINS, C. P. (Orgs) Muito Além dos Campos: arqueologia e história da Amazônia Marajoara. 1. ed. Belém: GKNORONHA, 2010.

PACHECO. Agenor Sarraf. **A escrita e a pintura da memória afroindígena: zonas intersticiais da Amazônia marajoara**. Revista Ampocs. 41º Encontro Anual. 23 a 27 de outubro de 2017. Caxambu-MG.

RODRIGUES, Ronaldo de Oliveira. **TV aberta no Marajó: usos e apropriações pelos moradores da comunidade São Pedro em Breves-Pará-Amazônia**. 2012. 216f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.

SCHAAN, D. **Marajó. Arqueologia icnografia, história e patrimônio**. Erechin, RS: Habilis. 150p. In. SHAAN, D. P; MARTINS, C. P. (Orgs) Muito Além dos Campos: arqueologia e história da Amazônia Marajoara. 1. ed. Belém: GKNORONHA, 2010.

COUTO, Jeová de Jesus. Artes do Marajó dos furos: saberes, identidade e diálogos por uma educação intercultural. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

SILVA, J; NEVES, I. **Narrativas orais no Marajó das Florestas: memória Tupi em pelejas pela Amazônia Marajoara.** Boitatá. Revista do GT de Literatura Oral e Popular da Anpool. Londrina, nº 12, p. 13-28, jul-dez 2011.

FALAS BREVES

COUTO, Jeová de Jesus. Artes do Marajó dos furos: saberes, identidade e diálogos por uma educação intercultural. In: Revista **Falas Breves**, no.14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069